

# humanitas



**Vol. XI-XII**

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

*Vol. 1*  
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HUMANITAS

VOLS. VIII E IX DA NOVA SÉRIE  
(VOLS. XI E XII DA SÉRIE CONTÍNUA)



COIMBRA  
MCMLIX-LX



FRANCESCO GIANCOTTI, *Cronologia dei «Dialoghi» di Seneca*. «Biblioteca Loescheriana». Torino, Loescher-Editore, 1957, 453 pp.

Sêneca não é dos autores menos estudados da Literatura Latina. Pelo que respeita à Península Ibérica, deve contar-se entre os representantes da cultura romana que mais cedo e mais persistentemente impregnaram o pensamento hispânico. Testemunho desse prestígio é a forma do port. ant. «sengo» 'inteligente' (R. E. W., 3.<sup>a</sup> ed., 7816).

Na sua produção literária, avultam os chamados «Diálogos». Os problemas que estes últimos suscitam são complexos e variados, como: integração no conceito do respectivo género, fixação do seu cânone, ordenação, data da publicação, época da composição.

Desta última se ocupa Francesco Giancotti em *La cronologia dei «Dialoghi» di Seneca*. O autor preparou-se para o difícil empreendimento com vários trabalhos preliminares subordinados ao título geral de *Il posto della biografia nella problematica seneciana* publicados em «Rendiconti dell'Accademia dei Lincei», série VIII, vols. VIII-X, e outras obras.

A cronologia dos «diálogos» e dos outros escritos de Sêneca tem seduzido muitos investigadores, a começar, para não ir mais longe, em Justo Lúpsio, do primeiro quartel do séc. XVII (1615). O seu estudo foi retomado, a meados do séc. XIX, por Lehmann. Desde os fins da última centúria, ocuparam-se do mesmo autor nomes como, por exemplo, Rossbach, Gerz, Hirzel, Waltz, Pichon, Münscher, Dessau, Birt, Albertini, Castiglioni, Köstermann, Dahmann, etc..

A seriação dos «diálogos» pela data de composição não só tem importância em si mesma como também é indispensável para estabelecer o itinerário mental do seu autor e as possíveis influências culturais. Porém esta ordenação cronológica oferece particulares dificuldades, visto que nenhum dos «diálogos» apresenta a data de composição.

Muito variados têm sido os critérios e o método para a estabelecer. Como contributo nesse sentido, Fr. Giancotti, na obra que é objecto desta recensão, determina o ponto em que actualmente se encontram os estudos senequianos sobre a cronologia dos «diálogos» e apresenta o seu próprio método com os resultados a que chegou na deslindação do problema.

Começa por nos apresentar a bibliografia atinente ao assunto, a qual abrange 95 espécies. Seguem-se dois capítulos introdutórios.

No primeiro analisa a colectânea dos «diálogos». O Autor limita as suas investigações, no presente estudo, às obras a que o cod. Ambrosiano C, 90 inf.

(= A) atribui a denominação «dialogi». São em número de dez distribuídos por 12 livros.

Antes de mais, a própria designação «diálogos» suscita alguns problemas. Com efeito não se demonstra que este apelativo tenha sido dado às respectivas obras por Sêneca, não obstante a interpretação feita por Gertz de um passo de *De beneficiis*. O registo mais antigo daquele título geral vem no livro X (I, 129) das *Institutiones oratoriae* de Quintiliano, que, porém, não indica individualmente a que obras aplica essa denominação. Além disto, o cód. Ambrosiano exclui, na enumeração dos «diálogos» de Sêneca, obras como *De clementia*, *Naturales quaestiones*, *De beneficiis*, etc., cuja contextura não difere da que apresentam os primeiros.

Na base, está o problema do conceito de diálogo. Todavia parece-me que, em Sêneca, essa questão, que praticamente ocupa todo este primeiro capítulo e foi objecto de demoradas investigações por parte de Gertz, Rossbach, Hirzel, Bourger, Grimal, Lafaye, Münscher, Waltz, além de outros, pode reduzir-se a modestas proporções. Efectivamente, comparando as obras de Sêneca designadas pela denominação geral de «diálogos» com os diálogos de Platão ou Cícero, notamos uma divergência fundamental de estrutura. Se, por outro lado, não é certo que o próprio autor assim denominasse tais obras, nem por sua vez Quintiliano deixou a enumeração das por ele intituladas «diálogos», surge uma outra alternativa: tal apelativo é apenas uma designação medieval em que se verificou modificação do sentido primitivo, como aliás se deu com outros vocábulos: por exemplo, «comédia». Portanto não haverá que investigar o conceito de diálogo em Sêneca. Teria, sim, que abandonar-se a designação «diálogo» para as obras do mesmo autor assim denominadas.

Fr. Giancotti pensa de maneira diversa, mas não discute este aspecto da questão: «Que o título *Dialogi* não seja medieval mas antigo parece confirmado pelo conhecido passo em que Quintiliano menciona os géneros tratados por Sêneca (*Inst. or.*, X, I, 129): *Tractavit etiam omnium fere studiorum materiam: nam et orationes eius et poemata et epistulae et dialogi feruntur*. De facto seria verdadeiramente estranho que neste passo fossem recordadas com o título *dialogi* obras não chegadas até nós — como durante algum tempo supunham editores de Sêneca e comentadores de Quintiliano —, e, pelo contrário, não fossem mencionadas as obras que o cód. A nos conserva sob o mesmo título. Embora sabendo que, a rigor, tal estranheza não implica impossibilidade, convém, portanto, pensarmos que já Quintiliano chamava *Dialogi* as obras assim designadas no cód. A» (pp. 10-11). Trata-se, como se vê, dum postulado. Omite-se a demonstração. A designação medieval do cod. A poderia ser devida à influência do passo transcrito de Quintiliano, que porém se referiria a escritos de contextura diversa.

Como o Autor assinala, o valor do presente estudo não se ressentiria da solução dada a estes problemas, qualquer que ela seja: «a aceitação do título «Diálogos»

unicamente para as dez obras assim designadas no cod. A depende por sua vez de razões de conveniência e não implica de forma alguma a instituição dum nexu íntimo que diversifique estas obras das outras às quais se não estende o mesmo título. E igualmente a razões de conveniência ou de economia de trabalho obedece o limitar da presente investigação aos dez *Diálogos* do cod. A. No decurso da exposição, tornar-se-á evidente que a suspensão de qualquer juízo acerca dos problemas cronológicos do *De beneficiis*, das *Naturales quaestiones* e das *Epistulae morales*, não prejudica as soluções dos problemas aqui defrontados» (pp. 18-19).

O segundo capítulo versa a finalidade e o método da investigação. O que o Autor pretende é determinar a cronologia referente «ao tempo em que uma determinada obra foi composta e, eventualmente, à época ou épocas em que ela sofreu retoques susceptíveis de modificar-lhe o sentido, a íntima estrutura» (p. 20). Só desta forma será possível estabelecer a evolução psicológica e espiritual de Séneca.

Para alcançar esse objectivo, faltam testemunhos e indícios externos. A investigação tem, pois, que basear-se unicamente nos próprios textos. E há que analisar também cuidadosa e cautelosamente o fundo histórico-cultural. Vários critérios se apresentam para guiar o investigador. Fr. Giancotti analisa-os criticamente: critérios fundados no valor autobiográfico (quanto à vida privada e pública) dos «diálogos» de Séneca, na relação com o ambiente histórico-cultural, num esquema de estados mentais processados logicamente, na hierarquia do valor intrínseco das obras, na divisão do desenvolvimento espiritual de Séneca em fases de duração igual, no estilo, nas auto-utilizações; critério dinâmico ou historicista (subjectivo e objectivo); critério alusionístico.

Nos nove capítulos subsequentes, Fr. Giancotti estuda sucessivamente *Ad Marciam de consolatione* (III), *Ad Helviam matrem de consolatione*, *Ad Polybium de consolatione* (IV), *De ira* (V), as relações entre *De constantia sapientis*, *De tranquillitate animi*, *De otio* (VI), *De constantia sapientis* (VII), *De tranquillitate animi* (VIII), *De otio* (IX), *De providentia* (X), *De vita beata* (XI), *De brevitae vitae* (XII). O critério defendido e adoptado pelo Autor consiste em estudar monograficamente cada um dos «diálogos», evitando toda a esquematização apriorística.

Como resultado das suas investigações, pôde concluir desta forma, com respeito à época da redacção dos diferentes «diálogos». — *Ad Marciam de consolatione*: data incerta, embora seguramente posterior ao advento de Calígula (37 d. Cr.). *Ad Helviam matrem de consolatione*: exílio da Córsega, mas não há certeza quanto a ser anterior ou posterior a *Ad Polybium de consolatione*. Este data do mesmo exílio, se bem que precedeu o triunfo britânico de Cláudio (44 d. Cr.). *De ira*: entre a morte de Calígula (41 d. Cr.) e a adopção de Novato (já adoptado por Galião nos primeiros sete meses de 52 d. Cr.). *De constantia sapientis*: sem dúvida depois da morte de Calígula (41 d. Cr.) e antes da *Epistula* 63; com verosimilhança após a

morte de Valério Asiático (47 d. Cr.); não se prova, contudo, a possibilidade da composição durante os anos 49-54 d. Cr. *De tranquillitate animi*: posteriormente a *De constantia sapientis*. *De otio*: data desconhecida. *De providentia*; com certeza após a morte do imperador Tibério (37 d. Cr.); provavelmente, ou no exílio (de preferência nos inícios) ou durante o afastamento da vida pública (mais verosímil após a cedência a Nero da fortuna: 64 d. Cr.). *De vita beata*: entre o advento de Nero (54 d. Cr.) e a morte de Burro (62 d. Cr.). *De brevitae vitae*: provavelmente depois do afastamento da vida pública (62 d. Cr.).

No fim da obra, o Autor apresenta, num quadro, estas conclusões quanto à cronologia dos «diálogos» senequianos, confrontando-as, relativamente a cada um destes últimos, com as opiniões de Lípsio, Lehmann, Jonas, Martens, Gercke, Waltz, Münscher, Albertini, Köstermann, Herrmann (Chron.), Pohlenz, Marchesi e Lana. Dentro da sua norma de evitar generalizações, preferiu abster-se de qualquer tentativa de reconstituir o itinerário mental de Séneca através dos «Diálogos».

*Cronologia dei «Dialoghi» di Seneca* é um contributo positivo para o enquadramento dos «diálogos» senequianos dentro da sua época. E tem, além disso, o mérito de poder apresentar-se como exemplo não só de acribia crítica mas também de uma investigação conduzida segundo rigoroso método.

CUSTÓDIO LOPES DOS SANTOS

HARALD HAGENDAHL, *Latin Fathers and the Classics. A Study on the Apologists, Jerome and Other Christian Writers.* «Studia Graeca et Latina Gothoburgensia», VI. Göteborg, 1958, 424 pp.

Quando o cristianismo surgiu no mundo de cultura greco-romana, pôs-se concomitantemente o problema das relações entre a mentalidade de que a nova religião era portadora e o sistema de ideias e valores peculiar ao paganismo. Até onde chegou a oposição entre ambos? Em que medida aceitou o cristianismo certas concepções radicadas em determinados sectores da cultura pagã? Que autores e obras contribuíram para a formação cultural dos escritores cristãos? Que volume tomou a influência dos clássicos latinos sobre a própria língua (vocabulário, expressões e construção da frase) dos Padres da Igreja ocidental?

Estes problemas são tratados por H. Hagendahl em *Latin Fathers and the Classics*, quanto a Arnóbio, Lactâncio, Minúcio Felix, S. Cipriano, S. Jerónimo